



Por uma História Social do Campo Científico da Comunicação Organizacional e Relações Públicas a partir do paradigma da História Social das Ciências¹

Talles Rangel Rodrigues²

Doutorando – Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Resumo

Este trabalho traz parte dos resultados finais de uma pesquisa de mestrado defendida no PPGCOM da ECA-USP. O objetivo central buscou compreender como o tempo histórico reverberou tanto na institucionalização do campo científico da comunicação organizacional e relações públicas como nas práticas já institucionalizadas. Nesse sentido, este artigo apresenta os resultados de uma matriz de análise própria que se debruça sobre o período denominado estruturante (2001-2005) do campo científico da comunicação organizacional e relações públicas. O *corpus* da pesquisa foi constituído pelas teses de doutorado defendidas na linha de pesquisa Políticas e Estratégias do programa de Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. O estudo ancora-se no paradigma da história social das ciências. Metodologicamente, delineou-se uma dimensão quantitativa na coleta de dados secundários e uma fase qualitativa na composição de dados primários por meio de entrevistas.

Palavras-chave: História Social; Comunicação Organizacional; Relações Públicas; Epistemologia.

Introdução

Este trabalho apresenta parte dos resultados quantitativos finais de uma pesquisa de mestrado defendida, em setembro de 2017, no âmbito do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Tendo como *corpus* o conjunto de 39 teses defendidas na linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, no interstício de 2001 a 2015, a pesquisa buscou compreender como o campo científico da comunicação organizacional e relações públicas se inter-relacionava com seu tempo. Paralelamente, na dimensão dos objetivos específicos, o trabalho fez um levantamento das temáticas de pesquisa emergidas nas teses, os recursos metodológicos empregados em tais estudos, bem como uma sondagem em relação ao gênero dos pesquisadores que defenderam as teses que formam nosso *corpus*. Neste artigo, apresenta-se apenas uma

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 03: Comunicação e Consumo: periodizações e perspectivas históricas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Comunicação Organizacional e Relações Públicas pela Universidade de São Paulo (USP). Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: talles.rangel@usp.br



parte dos resultados da dissertação. Essa parte aqui delineada compreende o levantamento das teses referentes ao primeiro (2001-2005) dos três quinquênios (2001-2015) que a dissertação abordou.

No plano teórico, nosso estudo ancorou-se, primeiramente, no paradigma da história social das ciências a partir dos estudos de Pestre (1996;1995), Kuhn (2012), Latour (1997) e Dantes (2005) assim como nos estudos teóricos e levantamentos históricos já delineados no campo epistemológico da comunicação por meio dos trabalhos de Lopes (2001; 2004; 2006). Na dimensão do campo científico da comunicação organizacional e relações públicas, buscamos lastro nos estudos e construções históricas do campo dos trabalhos de Kunsch (1997; 2015). Todas essas frentes teóricas foram alinhavadas na perspectiva da formação de campo científico a partir da seminal obra de Bourdieu (1976; 1982).

Metodologicamente, nosso estudo toma caracterização e forma a partir de dois eixos fundamentais que se completam. No primeiro momento edificamos uma dimensão quantitativa que compreendeu a compilação dos dados secundários que foram alinhavados por meio da seleção de teses de doutorado da linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação do PPGCOM da ECA-USP, no período de 2001 a 2005 para nossa análise. A segunda dimensão qualitativa tratou de analisar as respostas de alguns professores onde foram extraídos os dados primários. Tais dados foram obtidos por meio de entrevistas com os atores sociais que fazem parte do campo científico e do processo de institucionalização das Relações Públicas, como profissão e como área de conhecimento, e da Comunicação Organizacional. Nesse sentido, no tocante à abordagem do método, esta investigação se apresenta como quantitativo-qualitativa, usando como procedimento o levantamento de dados e a participação de professores.

Em relação aos objetivos, este trabalho entra na taxonomia de Gil (1999) por meio de duas instâncias. A partir da fase quantitativa, correspondente à abordagem, a pesquisa caracterizou-se por natureza descritiva a partir dos dados secundários extraídos das teses de doutorado selecionadas no período mencionado. Doravante à dimensão qualitativa da abordagem, nosso trabalho também permeou a dimensão analítica. Assim, com relação aos nossos objetivos de pesquisa, este trabalho caracteriza-se como descritivo-analítico. O terceiro eixo de taxonomização de pesquisa delineado por Gil (1999) versa em relação às fontes dos dados da investigação. Nesse eixo de raciocínio, nossa investigação se caracteriza majoritariamente por pesquisa bibliográfica, uma vez que os dados principais foram obtidos a partir de teses de doutorado selecionadas. Ainda que as fontes desta pesquisa não se limitem às teses, mesmo tendo essas sido o escopo, nossa investigação também buscou subsídios nos atores sociais que acompanharam o desenvolvimento do campo científico das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional. Poder-se-ia dizer que esta pesquisa, no tocante às fontes, é também de campo, visto que se foi a campo alinhavar dados primários. Sem embargo, entendemos que mesmo as entrevistas configurando parte fundamental do estudo, ainda a



nosso ver, trata-se de pesquisa bibliográfica quanto às fontes na medida em que as entrevistas foram realizadas no sentido de melhor problematizar e compreender a medula do *corpus* de pesquisa que são as teses de doutoramento. Nesse sentido, os dados primários produzidos por meio das entrevistas só se justificam pela melhor problematização e compreensão do *corpus* formado pelas teses de doutorado, portanto bibliográfica. Desta forma, em âmbito sintético, esta pesquisa se caracteriza como quantitativo-qualitativa, descritivo-analítica e bibliográfica. Este artigo foi estruturado em duas grandes partes. Na primeira tecemos um panorama dos conceitos com os quais sustentamos teoricamente o estudo e na segunda parte apresenta-se os resultados³.

Dos Conceitos Teóricos

Em sentido lato, nossa pesquisa visou compreender como o campo científico da Comunicação Organizacional e Relações Públicas se tensionava com seu tempo histórico. Nesse eixo de raciocínio, significa compreender a dialética que tensiona bidirecionalmente o campo científico em relação a seu tempo histórico, bem como o tempo histórico em justaposição ao campo científico, este último o da Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Essa bidirecionalidade é fulcral na problematização de qualquer prática científica quando vista pela ótica da História das Ciências. Dessa forma, articulamos sobremaneira alguns conceitos como o de campo, visto em Bourdieu (1976), que nos serviu de ponte entre a história social das ciências e os estudos de Comunicação.

O trabalho científico existe no Brasil desde a chegada dos europeus ibéricos à antiga “América portuguesa”. Essa afirmação provocativa e, em certo sentido axiomática, é importante na medida em que nos obriga a afastar o anacronismo no tocante à atividade científica em terras brasileira. Isto porque essa noção mais contemporânea de ciência desenvolveu-se mais recentemente. Sem embargo, é pertinente destacar que desde o séc. XVI houve “viagens exploratórias, com registros sobre a fauna e a flora locais, estudos sobre a cultura e as línguas indígenas, realizações de observações astronômicas por jesuítas aqui sediados entre outras” (DANTES, 2005, p. 01). Esse registro nos apresenta os primórdios não só da atividade científica no Brasil, mas também a noção que se tinha de ciência à época.

³ Os atores sociais do campo são professores que fizeram parte da consolidação dos estudos pós-graduados em relações públicas e comunicação organizacional. Realizamos um total de 4 entrevistas semi-estruturadas com os docentes: Sidinéia Gomes Freitas, Margarida Maria Krohling Kunsch, Heloiza Helena Matos e Nobre e Fábio França. Neste artigo, por uma questão de recorte e enquadramento, vamos nos deter apenas nos dados quantitativos. Não vamos apresentar a parte qualitativa que são as entrevistas.



Se, por um lado, desde os primórdios da edificação da sociedade brasileira há presença e desenvolvimento de trabalhos científicos, por outro, há uma corrente mais contemporânea que busca compreender a questão da presença científica como desenvolvimento de saberes socialmente constituído. É a partir daí que se passa a refletir sobre o contexto social incidindo diretamente na produção científica. Esse movimento historiográfico desenvolveu-se de tal maneira que, conforme explica Dantes (2005, p. 01) “a partir dessa conceituação, cresceu de forma significativa, em nível mundial, a produção em história social da ciência. Também ganharam reconhecimento, e vêm crescendo de forma acelerada, os estudos sobre os mais variados países de todos os continentes”. Essa concepção historiográfica de se problematizar o fazer científico constitui o que se convencionou chamar de História Social das Ciências.

A partir da década de 1970, a História das Ciências passou a enveredar por uma linha mais contestatória que buscou redesenhar a medula vertebral da noção de prática científica e “tais abordagens foram o resultado de um trabalho de um grupo que atuou de maneira bastante coordenada até a metade dos anos 1980, grupo esse formado por jovens sociólogos, antropólogos, filósofos e historiadores, cujo núcleo era britânico” (PESTRE, 1996, p. 04). Esse movimento é justamente responsável por uma espécie de câmbio epistemológico no âmbito da História das Ciências. Se numa dimensão anterior, os trabalhos historiográficos se voltavam para os grandes cientistas, bem como para os grandes inventos, conforme já asseverara Dantes (2005), a partir a atuação deste grupo a História das Ciências se redesenhou na medida em que:

O objeto da investigação (a ciência) tendo sido radicalmente definido novas maneiras de abordá-lo surgiram, objetos diferentemente recortados apareceram, novas questões legítimas emergiram. Num certo sentido, guardadas as proporções devidas para uma disciplina de menor amplitude, a História das Ciências se encontra hoje em uma posição homóloga àquela que prevaleceu nos anos 1930 para a História em seu conjunto¹. Seja porque Marc Bloch, Lucien Fèbvre e outros redefiniam o que eram os objetos legítimos da disciplina, seja porque propunham submeter a seu domínio uma gama de atividades até então mantidas fora de sua jurisdição, seja ainda porque anexavam outras práticas disciplinares, eles abriam um espaço novo a conquistar ofereciam à sagacidade do historiador a possibilidade de historicizar práticas até então não consideradas por ele. (PESTRE, 1996, p. 05).

Nesse contexto desenhado por Pestre (1995; 1996), vê-se a emergência de dois importantes pontos teóricos delineados por Latour e Woolgar (1997) que trata de aproximações etnográficas para se compreender o saber científico. Dessa maneira, uma das questões centrais, a nosso ver, acerca das ideias em torno da Vida de Laboratório (1997), reside não apenas na experiência de campo que os pesquisadores estiveram imersos, mas, sobretudo, a crítica metodológica do olhar. A partir de uma autorreferência crítica,



aquele trabalho articulou possibilidades e limites da atuação etnográfica no âmbito de um trabalho de campo no ramo da história das ciências, bem como engendrou os repertórios da filosofia e sociologia das ciências.

Essa dimensão apontada por Latour e Woolgar (1997) enxerga consonância em argumento delineado por Kuhn (2012) acerca do dogma na investigação científica, segundo o qual as dimensões sociais imanentes do fazer científico que é notoriamente ressignificado pelos valores dos cientistas, bem como do espaço social que determinada teoria ou que determinado campo é edificado. Nesse sentido, para Kuhn (2012) o resquício mais remoto do dogma começa a ser percebido já na educação dos cientistas a partir de dois elementos: a ortodoxia teórica e a rigidez metodológica. Nesse raciocínio, por tratar-se de uma dimensão quase imanente, mesmo correntes mais “heterodoxas” como a preconizada por Paul Feyerabend (2011) não passariam incólume. Desta maneira, o dogma é reconhecido por Kuhn não como um anátema, mas como elemento onipresente constitutivo. Nesse eixo de pensamento, “embora o preconceito e a resistência às inovações possam muito facilmente pôr um freio ao progresso científico, a sua onipresença é, porém, sintomática como característica requerida para que a investigação tenha continuidade e vitalidade” (KUHN, 2012, p. 25).

Essa reflexão edificada por Kuhn (2012) coloca-nos no caminho da concepção de campo pensada por Bourdieu (1976; 1982). Essa visada teórica de Pierre Bourdieu passa por dois importantes conceitos inerentes à formação do campo científico delineados como competência\autoridade científica e interesse científico. Nessa linha de argumentação, Bourdieu (1982) sustenta que a competência científica não pode ser imaginada como um inventário fechado em si mesmo, onde se consideraria apenas o poder simbólico e a representação social. Entender o campo científico de tal forma “é cair na armadilha constitutiva de toda competência, razão social que se legitima apresentando-se como razão puramente técnica (conforme vemos, por exemplo, nos usos tecnocráticos da noção de competência)” (1982 p. 02).

A partir dessa concepção dada pelo sociólogo, a questão do interesse científico vem atrelada à posição da autoridade científica. Entende Bourdieu (1982, p. 03) que o “interesse por uma atividade científica (uma disciplina, um setor dessa disciplina, um método etc.) tem sempre uma dupla face. O mesmo acontece com as estratégias que tendem a assegurar a satisfação desse interesse”. Essas questões, não raro, são motivadas por interesses com finalidade ao prestígio, bem como reconhecimento. Logo, conceber um campo científico em que se tente enxergar meramente a prática científica desvirtuada dos conflitos inerentes ao modus operandi do fazer científico incorre numa percepção inverossímil.

Dadas essas acepções gerais no plano da atividade científica, no plano *stricto*, caminhamos para o olhar da Comunicação como macro-campo que, por sua vez, alberga nosso objeto de pesquisa que está circunscrito no âmbito da comunicação organizacional e relações públicas. A pesquisa em nível pós-



graduado no Brasil se inicia na década de 1970 com a criação de mestrados acadêmicos e, posteriormente, com doutorados na década de 1980. Lopes (2006, p. 24) explica que a área das Ciências da Comunicação configurou-se:

Um caso de luta para afirmar-se institucionalmente como campo acadêmico transdisciplinar e para afirmar-se o estatuto transdisciplinar da comunicação. Este estatuto, como tratei de mostrar [...], não constitui um caso isolado, mas antes 10 deve ser entendido como parte de um movimento contemporâneo de reconstrução histórica e epistemológica das ciências sociais. (LOPES, 2006, p. 24)

Nesse eixo de raciocínio, abre-se caminho para outra pertinente reflexão da autora (2001, 2004) que se dá no entorno das condições da produção de pesquisa em Ciências da Comunicação. Neste eixo que envolve tanto o sistema de ciência como o sistema de ensino, a pesquisadora destaca três importantes instâncias para que se possa compreender de maneira crítica tal questão. A primeira se constitui no âmbito discursivo que reúne “paradigmas, modelos, instrumentos e temáticas que circulam em determinado campo científico. Trata-se propriamente da história de um campo científico, os percursos pelos quais vem se constituindo, firmando suas tradições e tendências de investigação”. (LOPES, 2004, p. 16). A segunda instância das condições de pesquisa apontada por Lopes (2001, 2004) versa sobre a dimensão institucional, que nas palavras da autora, se materializam por meio dos “mecanismos que medeiam as relações entre as variáveis sociológicas globais e o discurso científico, que se constituem em mecanismos organizativos de distribuição de recursos e poder dentro de uma comunidade científica”. (LOPES, 2004, p. 16). Nesse eixo de raciocínio, a nuance institucional constitui, a nosso ver, a ponte entre o sistema de ciência e o sistema de ensino na medida em que o sistema de ciência está vinculado com as variáveis sociológicas globais em consonância com o discurso científico. Por sua vez, as urdiduras dos mecanismos organizativos de divisão de recursos, bem como o poder no interior de determinada comunidade científica reverberam visceralmente no sistema de ensino. Ora, o que é pesquisável? Por que determinadas problemáticas se sobrepõem a outras no âmbito de divisão de recursos? De que maneira a autoridade científica, conforme já tratara Bourdieu (1976, 1982), engendra a dimensão organizativa de recursos? Tais questões imanentes ao fazer científico permeiam consequentemente o sistema de ensino e caracterizam a celeuma no interior do campo científico. O terceiro eixo acerca das condições da investigação em Comunicação delineada por Lopes (2001, 2004) aproxima-se de nosso estudo uma vez que aborda o contexto histórico/social/cultural. Nesse terceiro núcleo encontra-se “as variáveis sociológicas que incidem sobre a produção científica, com particular interesse pelos modos de inserção da ciência e da comunidade científica dentro de um país ou no âmbito internacional”. (LOPES, 2004, p. 15).



No âmbito das Ciências da Comunicação, não raro, a institucionalização de tais conhecimentos vem acompanhada das atividades profissionais que congregam a macro-área. Como exemplo, podemos observar o trabalho dos relações-públicas, jornalistas, publicitários, cineastas e, mais recentemente, dos educadores. Nesse cenário, as Relações Públicas modernas se edificam no contexto do século XX, nos Estados Unidos, conforme já asseveram Grunig e Hunt (1984), bem como Kunsch (2006). O modo como as Relações Públicas se desenvolveram nos EUA podem ser vistas a partir de quatro modelos, os quais foram cunhados pela pesquisa publicada no início da década de oitenta pelos professores James Grunig e Todd Hunt. Nesse estudo, esses pesquisadores observaram que as Relações Públicas, no transcorrer do século XX, haviam se edificado basicamente por 46 meio dos modelos de Agência de Imprensa e Informação, de Informação Pública, Assimétrico de duas mãos e Simétrico de Mão Dupla. Esse constructo teórico representa não somente um inventário sobre como os trabalhos dos relações-públicas se arquitetaram – no caso dos dois primeiros modelos – como também apresentou um reposicionamento epistemológico das Relações Públicas, neste caso em razão dos dois últimos modelos.

Já no Brasil, a institucionalização acadêmica da área de Relações Públicas passa necessariamente pelo trabalho intelectual de Cândido Teobaldo de Souza Andrade. Embora antes da efetiva criação do curso de graduação em Relações Públicas já houvesse pequenos cursos, como o já citado trabalho de Eric Carlson, o desenvolvimento da carreira universitária em Relações Públicas perpassa um contexto sócio histórico que merece atenção. Situar Cândido Teobaldo nesse torvelinho nos ajuda a compreender algumas supostas contradições desse processo histórico. Nesse sentido, podemos enxergar a atuação do professor Teobaldo em duas importantes frentes; seguinte abordagem já desenvolvida no primeiro capítulo, é possível identificar o trabalho de Cândido Teobaldo na dimensão do Sistema de Ciência, na medida em que suas pesquisas passam a contribuir visceralmente para dar lastro ao capital científico das Relações Públicas, bem como na dimensão do Sistema de Ensino, uma vez que seus esforços estão diretamente ligados à criação do primeiro curso superior em Relações Públicas no Brasil. Tal iniciativa se somaria, posteriormente, no desenvolvimento da pós-graduação.

Com relação aos primórdios da literatura científica em Relações Públicas, Kunsch (1997) nos explica que a produção científica em Relações Públicas, na década de setenta, esteve centrada em torno de fundamentos e conceituações, bem como o delineamento da função de Relações Públicas. Já nos anos 80, a literatura caracterizou-se, mormente, pelos “aspectos políticos e filosóficos; planejamento; profissão; papel nas organizações, na área governamental, na formação da opinião pública, no contexto da administração, perante o consumidor no meio rural e na defesa civil” (KUNSCH, 1997, p. 45). Se, desde os primórdios do exercício da profissão, bem como os primeiros estudos, publicações, presidentes das



associações estiveram, mormente, em exercício por homens, por outro lado é inegável que a contribuição feminina, efetivamente, a partir dos anos noventa fora fundamental para a consolidação da pós-graduação na área de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Ao propor tal olhar não negamos que já houvesse participação feminina anteriormente. Nesse sentido, é pertinente chamar a atenção para o percurso acadêmico de três atores, ou melhor, atrizes sociais que integram essa corrente a partir de seus estudos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Nesse contexto, destaca-se Sidinéia Gomes Freitas, cuja defesa de doutorado ocorrera em 1988 e a livre-docência em 1992. Em 1989, Heloiza Helena Matos e Nobre defende seu doutoramento e em 1996 seu estudo de livre-docência. Em 1991 Margarida Maria Krohling Kunsch doutora-se e, também em 1996, defende sua tese de livre-docência. 63 Lotadas no Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da USP, as referidas pesquisadoras contribuíram e, todavia, seguem contribuindo na formação de novos pesquisadores, por meio de orientações em nível *stricto sensu*, bem como no desenvolvimento de pesquisas no campo da Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

Essas pesquisadoras compuseram a antiga linha de pesquisa do PPGCOM da ECA, denominada Processos de Comunicação Institucional, que abarcava o campo da Comunicação Organizacional e de Relações Públicas. A partir de 2006, o programa de pós-graduação passou por reestruturação, e a linha passou a denominar-se Políticas e Estratégias de Comunicação. O que é importante frisar aqui é que o programa em Ciências da Comunicação sempre contemplou o campo das Relações Públicas, bem como da Comunicação Organizacional.

A Institucionalização da pesquisa em Relações Públicas e Comunicação Organizacional

Em nosso estudo denominamos o período de 2001 a 2005 como estruturante. Nesse sentido, poder-se-ia emergir o questionamento, se nosso recorte compreende o período de consolidação do campo, ou seja, ele não começa em 2001, mas em 1980 com a criação do doutorado em Ciências da Comunicação, como pode ser chamado de eixo estruturante? Não seria o estruturante a fase precedente ao período de consolidação? A resposta é afirmativa. Entretanto, é curioso que as temáticas das teses do início de nosso recorte mantêm uma espécie de continuidade da tradição teórica/intelectual da década anterior. Por não notarmos uma cisão entre as temáticas do primeiro quinquênio com a de sua década precedente, assim acreditamos que o primeiro quinquênio analisado ainda dialoga consideravelmente com a década anterior e constitui substrato para o degrau seguinte, o eixo emergente, que está versado na seção seguinte.



Ao buscarmos as temáticas das teses fizemos duas segmentações referentes à temática primária e temática secundária. Nos Quadros 12 e 13, vemos uma síntese dos temas de pesquisa que foram desenvolvidos nos primeiros cinco anos de nosso recorte de investigação (2001-2005).

Quadro 1 – Temáticas Primárias no Primeiro Quinquênio 2001-2005

Ano	Temáticas das teses
2001	Sistema Autopoietico e Comunicação Comunicação Interpessoal Comunicação Pública e Política
2002	Públicos Cultura Organizacional Comunicação Pública e Política
2003	Comunicação Excelente Planejamento de Eventos Marketing Cultural Funcionalismo
2004	Ensino de Comunicação
2005	Segurança Cooperativa Valores Organizacionais Políticas Públicas Comunicação Pública Processos Políticos-eleitorais Imagem Corporativa

Fonte: próprio autor.

Quadro 2 - Temáticas Secundárias no Primeiro Quinquênio 2001-2005

Ano	Temáticas das teses
2001	Construção de Sentidos Comunicação Interna Relações Públicas e Cidadania
2002	Relacionamentos Estratégicos Relacionamento com Empregados Tecnologia Linguística
2003	Relação Médico Paciente Marketing Consumo e Cultura Imposições Sistêmicas
2004	Influência Estatal



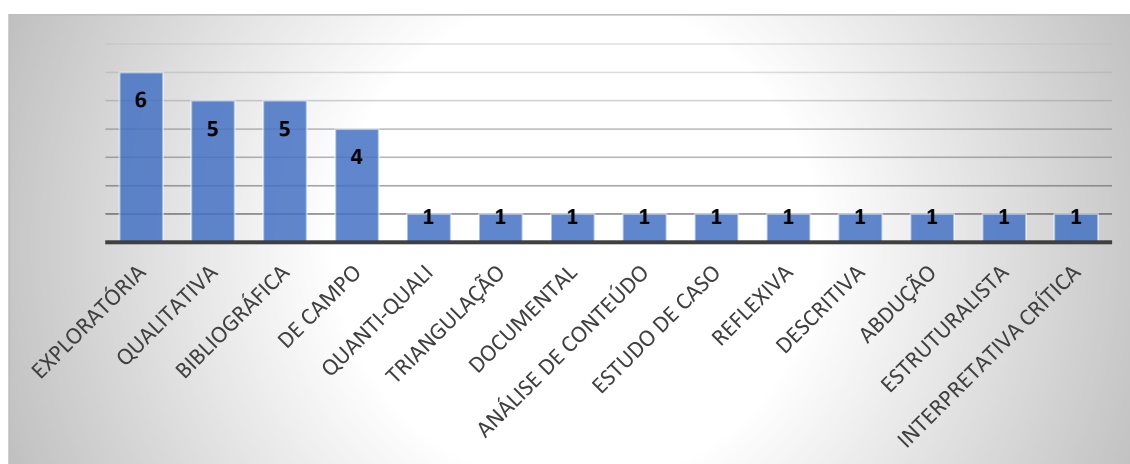
2005	Relações Públicas Internacionais Barreiras Culturais Imprensa e Participação Política Saúde do Idoso Tecnologias de Informação e Comunicação Mensuração da Comunicação
-------------	---

Fonte: próprio autor.

De pronto chama-nos a atenção, frente esse quadro que sintetiza a produção científica em nível doutoral da linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação⁴, temáticas que emergem logo no início e depois não mais são abordadas. É o caso do estudo sobre os públicos, como também a apropriação da perspectiva teórica de Niklas Luhmann (1927-1998) acerca do pensamento sistêmico a partir do conceito de autopoiese. Ainda nesse caminho vemos a questão das reflexões sobre ensino no âmbito da Comunicação Social. O ano de 2005 é emblemático em dois aspectos. Primeiro pelo fato de ter tido mais defesas que nos anos anteriores, logo é natural que mais temáticas componham o período, na medida em que cada tese traz assuntos específicos.

Além dos levantamentos das temáticas primárias e secundárias, buscamos também uma verificação dos procedimentos metodológicos empregados nas teses. Nesse quinquênio obtivemos o seguinte panorama:

Gráfico 1 – Abordagens Metodológicas Empregadas no Primeiro Quinquênio 2001-2005



Fonte: próprio autor.

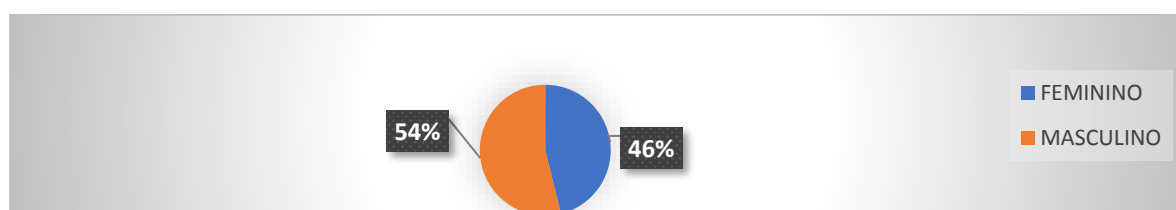
⁴ A maior parte desse primeiro quinquênio a linha ainda se chamava Comunicação Institucional: políticas e processos. Após meados de 2005 houve a reestruturação e revisão da linha. A partir de algumas mudanças com maior abrangência conceitual e de novos objetos e temáticas é que, em 2006, a linha oficialmente passou a se chamar Políticas e Estratégias de Comunicação.



Se no eixo teórico da constituição disciplinar das Ciências da Comunicação, bem como na Comunicação Organizacional e Relações Públicas vimos que sua emergência passa necessariamente pela vereda da transversalidade epistemológica, ao vermos as informações do Gráfico 1 nota-se que não só a dimensão teórica se edifica pelo da transversalidade, como também as abordagens e recursos metodológicos seguem a mesma tendência. Ademais das abordagens bem conhecidas nas Ciências Sociais Aplicadas como vemos no caso das quatro primeiras metodologias mais utilizadas como as exploratórias, qualitativa, bibliográfica e de campo que em seu cerne situam-se no limiar das Ciências Humanas e Ciências Sociais, percebe-se o diálogo com outras disciplinas como a Linguística, por meio da Análise de Conteúdo, com a Semiótica Pragmaticista, mediante a Abdução, a Semiologia, pela janela aberta pelo estruturalismo. Ainda no caminho de nossa análise percorremos o eixo dos temas emergentes que, mormente, coincide com a reestruturação institucional da linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação que constitui o substrato para a materialização do campo científico problematizado em nossa pesquisa.

Para além das temáticas e metodologias empregadas, nosso estudo versou também sobre o gênero dos pesquisadores que realizaram as teses. Embora aqui estejamos apresentando os resultados quantitativos de apenas um período da amostra, para efeito de comparação trazemos gráficos com números totais para observar continuidade nos dados. No Gráfico 2, apresentamos os números totais de mulheres e homens titulados pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação no período total abordado pela dissertação.

Gráfico 2 - Amostra em Números Totais de Mulheres e Homens Titulados (2001-2015)



Fonte: próprio autor.

Embora a quantidade de homens titulados ainda seja maior, o Gráfico 2 aponta para uma dimensão mais equilibrada entre mulheres e homens titulados pela de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação com trabalhos realizados nas temáticas de comunicação organizacional e de relações públicas. Esse dado referido em porcentagem representa o universo numérico mostrado na Tabela 1.



Tabela 1- Amostra em Números Totais de Mulheres e Homens Titulados

Gênero dos discentes em números totais	Gênero	Quantidade
	FEMININO	18
	MASCULINO	21

Fonte: próprio autor.

O Gráfico 1 e a Tabela 1 servem para pensar juntamente com um levantamento realizado por Kunsch (2015) feito a partir das dissertações de mestrado defendidas no Brasil no interstício de 2000 a 2014 nos programas de pós-graduação que investigam as temáticas de comunicação organizacional e relações públicas. Embora seja feito a partir de um espectro bem mais amplo que o nosso estudo, os resultados apontaram uma questão curiosa. Em nosso estudo abordamos as teses de doutorado e vimos que, embora o número de pesquisadores esteja equilibrado entre homens e mulheres, no caso do estudo de Kunsch (2015) vemos uma tendência oposta conforme a Tabela 2:

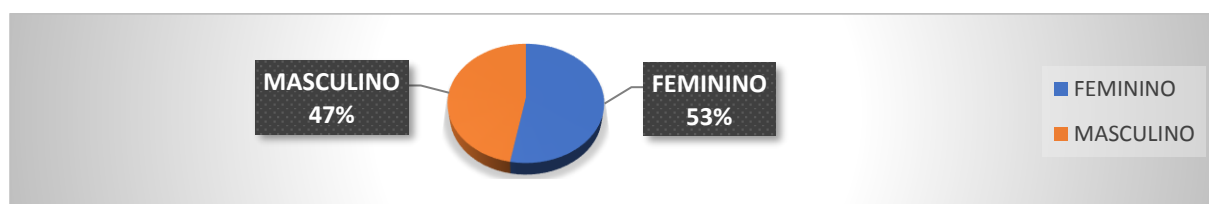
Tabela 2 – Dados de Defesa de Mestrado entre 2000-2015 no País

Gênero dos discentes em números totais	Gênero	Quantidade
	FEMININO	233
	MASCULINO	103

Fonte: Kunsch (2015)

Nesse sentido, com relação às dissertações de mestrado defendidas no país há uma forte tendência de predominância feminina, no entanto, quando se chega ao doutorado, embora não haja discrepância entre mulheres e homens titulados, mas o número de doutores é sensivelmente maior em relação aos homens do que com as mulheres como mostra o Gráfico I. Ainda nessa questão sobre gênero dos discentes que se titularam pela linha Políticas e Estratégias de Comunicação da ECA-USP, estratificamos os dados por quinquênios e obtivemos os resultados no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Gênero dos Discentes Titulados no Primeiro Quinquênio (2001-2005)



Fonte: próprio autor.



Ao estratificarmos por quinquênios, no caso do primeiro que compreende o íterim entre 2001 a 2005 foi o único período em que mais mulheres se titularam na linha de pesquisa. Ainda assim por uma diferença bem pequena. Numericamente o Gráfico 3 representa nove teses defendidas por mulheres e oito teses defendidas por homens.

Considerações Finais

Como vimos em nossa análise, algumas temáticas emergiram e desapareceram. Outras foram perenes, bem como houve aquelas em que só vimos de cima do muro de nosso recorte com um considerável hiato temporal entre uma tese e outra. Sem embargo, estavam ali. Por mais rarefeita que pudesse ser a presença de uma temática, como o caso dos estudos de públicos, estava ali presente no campo ainda que em menor quantidade. Não encontrar nenhum estudo em nível doutoral desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação que abordasse detidamente os problemas e/ou logros epistemológicos da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas ao mesmo tempo que justifica a pertinência de nossa investigação, também nos preocupa. A epistemologia não deve apenas resignar-se à uma análise dos métodos, mas sim do conhecimento científico como um todo. Isso implica necessariamente um olhar sobre a maneira com a qual esses conhecimentos foram alinhavados. E esse processo requer obrigatoriamente uma atitude por parte do pesquisador que supere o trabalho de meramente fazer um inventário da produção científica a partir de fatores endógenos.

Asseveramos esse posicionamento de modo assertivo, quase axiomático, por acreditarmos ser impossível delinear o fronteiroço entre o interno e o externo. Evidentemente há a linha simbólica que delinea o endógeno e o exógeno na dimensão da institucionalização. Entretanto a ductilidade do fronteiroço que sustentamos reside no fato de que o conhecimento científico e o pensamento epistemológico perpassam a dimensão de sua institucionalização. Nesse sentido, a obliteração da fronteira demarcação outrora desenhada pela noção positivista de ciência nos serviu de força motriz para uma compreensão maior da constituição do campo da comunicação organizacional e relações públicas na medida em que não nos contentamos apenas com seus aspectos imanentes. Fustigava-nos compreender o que circundava a imanência. Nesse sentido, o diálogo com as perspectivas preconizadas pela história social das ciências assomou como uma possibilidade de melhor entendimento das relações entre o que estava imanente ao campo, bem como o que incidia sobre ele. A caracterização transversal que marca a formação dos estudos de Comunicação certamente nos ajudou a alinhar o diálogo com a perspectiva da história social das ciências. A “falta” de demarcações natural aos estudos de Comunicação foi fator positivo na medida de não



impor entraves de ordem institucional à construção teórico-metodológica desse estudo. Nesse sentido, nosso trabalho apresenta, em âmbito geral, sua primeira contribuição ao campo da Comunicação que é a consolidação da transversalidade epistemológica como estatuto disciplinar das Ciências da Comunicação. Nesse sentido, reiteramos o empreendimento epistemológico de buscar nas Ciências Humanas o substrato para se compreender o objeto situado nas Ciências Sociais Aplicadas. Esse movimento entre áreas não sinaliza a inconsistência teórica das Ciências Sociais Aplicadas, mas sim um amadurecimento em compreender que liquefazer as demarcações propicia novos olhares e novas visadas antes não exploradas. Empiricamente, nosso trabalho materializa essa dimensão.

Em sentido *stricto*, a contribuição de nosso trabalho centra-se primeiramente no desenvolvimento de uma reflexão epistemológica sobre o campo da comunicação organizacional e relações públicas. Detalhadamente, essa contribuição se descortina a partir de alguns pontos apreendidos em nossa análise como a descontinuidade de temáticas.

Identificação das Descontinuidades: a partir da estratificação dos dados das temáticas do primeiro quinquênio (2001-2005) vimos em nossa análise que o estudo sobre os públicos emerge, apresenta de uma nova visão e taxonomia, altera o *statu quo* e, posteriormente, entra em descontinuidade ao não ser mais problematizado em novos trabalhos. O mesmo ocorre a partir do esforço epistemológico em se alinhar os estudos de comunicação organizacional e relações públicas à matriz teórica que entende a organização como sistema autopoiético de comunicação. Foi no espaço institucional do programa de Ciências da Comunicação da ECA USP que essa original articulação teórica foi embrionada e nos anos seguintes também não houve prosseguimento. A pertinência na identificação das descontinuidades ocorre na medida em que se pode observar o momento de cisão entre a dimensão do pensamento epistemológico e a institucionalização. Isso significa, senão um alerta, um prognóstico para as futuras reestruturações institucionais. Ou seja, assim como a linha de pesquisa de Políticas e Estratégias de Comunicação foi reformulada em 2006, é importante refletir de modo a rearticular essas duas dimensões, estudos de públicos e organização como sistema autopoiético, à estrutura institucional de modo a fomentar a continuidade de teses que abordem essas temáticas. Apontamos esses dois casos por serem de singular originalidade e cuja atualidade não se esvaneceu no transcorrer dos anos. Nesse sentido, nos posicionamos dessa maneira por acreditar que a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo que teve papel fundamental na criação e consolidação tanto na pesquisa em Comunicação, em sentido lato, como em Comunicação Organizacional e Relações Públicas em sentido *stricto* poderia adequar-se institucionalmente de modo a aproveitar os talentos por ela gerados.



Referências

- BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. Le Champ Scientifique. **Acts de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, Vol. 02, N. 02, 1976.
- DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As Ciências na História Brasileira. **Ciência e Cultura (SBPC)**, São Paulo, Vol. 57, N. 01, 2005.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. 2ª ed. Trad. Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GRUNIG, James; HUNT, Todd. **Managing Public Relations**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1984.
- KUHN, Thomas Samuel. **A Função do Dogma na Investigação Científica**. Trad. Jorge Dias de Deus. Curitiba: Editora UFPR, 2012. (Coleção: Textos Filosóficos na Sala de Aula).
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Os Campos Acadêmicos em Comunicação Organizacional e Relações Públicas no Brasil: caracterização, pesquisa científica e tendências. **Revista Internacional de Relaciones Públicas**, Vol. 05, N. 01, 2015.
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Relações Públicas e Modernidade: novos paradigmas da comunicação organizacional**. São Paulo: Summus, 1997.
- KUSNCH, Waldemar Luiz. **De Lee a Bernays, de Pinheiro a Lobo: a arte e a ciência das Relações Públicas em seu primeiro centenário (1906-2006)**. Intercom, São Paulo, Vol. 01, N.01, 2006.
- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1997.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. O Campo da Comunicação: sua constituição, seus desafios e dilemas, **Revista Famecos**, Porto Alegre, vol. 01, N. 01, 2006.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Pesquisa em Comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Intercom**, São Paulo, Vol. 27, N. 01, 2004.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. O Campo da Comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, São Paulo, Vol. 48, N. 01, 2001.
- PESTRE, Dominique. Pour une histoire sociale et culturelle des sciences. Nouvelles définitions, nouveaux objets, nouvelles pratiques. **Annales HSS**, Paris, Vol. 50, N. 03, 1995.
- PESTRE, Dominique. Por uma Nova História Cultural e Social das Ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. **Cadernos IG/Unicamp**. Campinas, Vol. 06, N. 01, 1996.